

**Weider Silva Pinheiro**

Doutorado em andamento em Business Administration pelo  
LOGOS University International – UNILOGOS.  
Mestrado em Master in Legal Sciences pela  
Universidad Martin Lutero – UML.  
Graduação em Gestão de Recursos Humanos pela  
UNIAO BRASILEIRA DE FACULDADES – UNIBF

**Jhonata Jankowitsch**

Doutorado em Doctor of Business Administration pelo  
LOGOS University International – UNILOGOS.  
Mestrado profissional em Master Of Science In  
Internacional Business – Negocios Internacionais pelo  
Must University – MUST.  
Graduação em Ciências Contábeis pela  
Faculdade Paraíso do Norte – UNIBF.

**RESUMO**

As ciências que envolvem a administração de empresas estão em constante evolução e seguem a dinâmica da evolução dos meios e processos de produção, consumo e desejos. Em um mundo de economia cada vez mais globalizada, a preparação dos futuros gerentes e trabalhadores por intermédio da educação se insurge como maior fator competitivo dos países e das empresas. Quanto maior forem os investimentos em uma educação compatível com o atual mercado consumidor e produtivo, maior será a geração de riquezas ou, em contrário, quanto maior for o desperdício de talentos, pela evasão de cérebros, mais será a pobreza de nações que não conseguem fornecer um ambiente propício para o pleno desenvolvimento de suas capacidades individuais. E se antes, nos primórdios da educação empresarial, o fator determinante para a riqueza ou pobreza de uma nação era sua capacidade de produzir e manter recursos mineiras, como ouro e prata, no atual modelo capitalista, o fator determinante para se estabelecer a riqueza ou a pobreza de uma nação é sua capacidade de gerar e de manter especialistas em diversas áreas e, além disso, de oferecer a estes e outros, de outros países, condições materiais de recompensas e remunerações, de forma que os recursos humanos destes indivíduos façam pender a balança comercial através do desenvolvimento de novas ou inovadoras tecnologias e métodos.

**Palavras-chave:** administração de empresas; geração de riquezas; educação; planejamento estratégico.

## INTRODUÇÃO

A economia empresarial possui como objetivo central a discussão sobre o ambiente econômico geral e de que maneira suas variáveis têm impacto no desenvolvimento dos negócios.

Certamente que a administração não surgiu com a obra de Adam Smith, publicada inicialmente em 1776, *A Riqueza das Nações*<sup>1</sup>, onde o autor enumera e analisa as origens e causas das riquezas e das acumulações de riquezas no estado moderno europeu, entretanto, é nesta obra que podemos fixar o início da administração enquanto uma ciência que se utiliza de métodos para primeiro avaliar o desenvolvimento produtivo e depois para efetivamente se administrar os negócios, e é onde encontramos portanto as bases do que viriam a ser as chamadas leis de mercado, como vemos:

Essa proporção deve em cada nação ser regulada ou determinada por duas circunstâncias diferentes; primeiro, pela habilidade, destreza e bom senso com os quais seu trabalho for geralmente executado; em segundo lugar, pela proporção entre o número dos que executam trabalho útil e o dos que não executam tal trabalho. Qualquer que seja o solo, o clima ou a extensão do território de uma determinada nação, a abundância ou escassez do montante anual de bens de que disporá, nessa situação específica, dependerá necessariamente das duas circunstâncias que acabamos de mencionar<sup>2</sup>.

Obviamente que tal obra é marcada pelos mecanismos disponíveis ao seu tempo, e amplamente marcada pelo mercantilismo e ainda mantendo no acúmulo de pedras a fonte primária de riquezas.

Mas o que se destaca de plano é a necessidade de haver, por parte dos gestores do capital e dos mercados, um profundo conhecimento acerca dos mecanismos de funcionamento da economia de forma geral e todos os fatores que possam impactar nestes desenvolvimentos, tanto os fatores de ordem puramente econômicas quanto os fatores de ordem social, política e ambiental.

A administração, como podemos inferir, se trata na verdade de uma ciência em constante e necessária modificação, posto que precisa lidar com os elementos ativos, ou seja, com os elementos que efetivamente estejam a gerar resultados e consequências no mundo material.

Indiscutivelmente vinculada portanto, essa ciência, ao desenvolvimento das tecnologias e das maneiras pelas quais as riquezas são produzidas e são distribuídas.

Afirmar que seja a educação portanto o fator predominante para a

---

<sup>1</sup> SMITH, Adam. **A RIQUEZA DAS NAÇÕES**: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. 1 v. (OS ECONOMISTAS). Disponível em: <http://www.projetos.unijui.edu.br/economia/files/Adam-Smith-2.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 59

geração de riquezas em uma nação, à primeira vista pode até destoar do pensamento mercantilista de Smith, ao menos quando consideramos a grande indústria e a produção de bens manufaturados como sendo o principal escopo de geração de riquezas, não indo além portanto da busca por mão de obra qualificada e barata, o que parece uma incongruência por si mesmo.

Porém, como dito, a ciência da administração empresarial evolui no mesmo passo e na mesma direção do avanço das tecnologias, e na medida em que as tecnologias avançaram e possibilitaram maior e mais específica produção de itens e bens duráveis, o tecnicismo da mão de obra passou a ser a base angular do sucesso de uma nação desenvolvida.

Toda máquina começa pela imitação de uma capacidade humana que ela se torna, então, capaz de amplificar. E nesse sentido que já existiam máquinas bem antes da Revolução Industrial. Uma alavanca, por exemplo, é uma máquina na medida em que seu ponto de apoio, ao se aproximar do objeto a ser movimentado, converte-se em um amplificador de força. Além dessas máquinas dedicadas a ampliar a força, existiram também engenhos voltados para a mecanização da locomoção<sup>3</sup>.

E em complemento:

O movimento de grandes pesos arrastados sobre troncos gigantes foi um precursor do veículo de rodas, que traduziu o poder próprio ao homem de locomover-se - um poder ampliado no seu devido tempo mediante a incorporação de motores de toda espécie<sup>4</sup>.

A principal diferença, dentre muitas que podemos destacar da época de Adam Smith para o mundo da economia, administração empresarial e acima disso do papel do Estado como agente promotor de condições específicas reside no papel que o ser humano ocupava naqueles tempos e no papel que ocupa nos dias atuais.

Se, naqueles primórdios do desenvolvimento das tecnologias o ser humano ficava restrito a trabalhador braçal e uma mera peça na imensa engrenagem produtiva, nos dias atuais o elemento humano, ou o chamado capital intelectual figura como eixo central para o desenvolvimento de qualquer país.

Tal centralização não é apenas dada, como antes, pela capacidade de consumo e de produção mecanizada, para isso já existem máquinas e o desenvolvimento das Inteligências Artificiais ampliam ainda mais, dia após dia,

---

<sup>3</sup> SANTAELLA, Lúcia. O homem e as máquinas. In: DOMINGUES, Diana (comp.) **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 33-44.

<sup>4</sup> BEER, S. Máquinas que controlam máquinas. In WIENER, N. (Org.) **El Hombre y las Maquinas**. Venezuela: Monte Avila Ed. C. A., 1974 In SANTAELLA, Lúcia. O homem e as máquinas. In: DOMINGUES, Diana (comp.) **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 33-44.

a distância entre a necessidade de mão de obra ordinária e a necessidade de mão de obra qualificada, mas pela habilidade de os gestores conseguirem aproveitar o máximo dos cérebros que tem em sua equipe para criar ou reaproveitar novos meios de gerenciamento, de produção, de distribuição e de engajamento<sup>5</sup>.

Desta feita, pensar, nos dias atuais em Administração Empresarial, é o mesmo que pensar em tecnologia e em educação qualificada, é, de outra maneira, pensar a riqueza e na distribuição dessa mesma riqueza como elementos capazes de manter a própria roda da economia girando.

O objetivo deste artigo é dissertar acerca desta problemática e verificar, por meio da pesquisa realizada, a correlação entre educação e geração de riqueza frente aos novos desafios para a administração na nova dinâmica da economia global.

## METODOLOGIA

Gil<sup>6</sup> define a pesquisa como um procedimento racional e sistêmico, conduzido com o objetivo de encontrar respostas para os problemas que são propostos.

Para alcance dos objetivos propostos, optou-se por realizar uma pesquisa do tipo qualitativa, que “enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada”<sup>7</sup>, permitindo que o pesquisador proponha trabalhos que explorem novos enfoques<sup>8</sup>.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, esta é uma abordagem adequada em situações em que se busca entender e interpretar os significados e características apresentados pela pesquisa<sup>9</sup>, além de possibilitar a exploração de possíveis contradições que possam surgir durante a investigação e guiar os resultados para diferentes caminhos<sup>10</sup>.

Trata-se, quanto aos objetivos, de uma pesquisa do tipo descritiva e exploratória. O propósito da pesquisa descritiva é, como o nome já diz, descrever a frequência em que o fenômeno investigado ocorre, sua natureza e suas características<sup>11</sup>. Já a pesquisa exploratória ocorre quando se pretende conhecer mais acerca do assunto abordado, explorando a área de conhecimento a qual pertence, sendo um método aplicado quando se deseja aprimorar hipóteses ou desenvolver conceitos e ideias sobre o tema<sup>12</sup>.

---

<sup>5</sup> SOUZA, José Pedro G.; GARCIA, Clovis L.; CARVALHO, José F. T. **Dicionário de Política**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.

<sup>6</sup> GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

<sup>7</sup> GODOY, Arilda Schmidt. PESQUISA QUALITATIVA: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**: RAE, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995. p. 23.

<sup>8</sup> Ibidem.

<sup>9</sup> RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

<sup>10</sup> GODOY, Arilda Schmidt. PESQUISA QUALITATIVA: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**: RAE, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

<sup>11</sup> RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. São Paulo: Loyola, 2002.

<sup>12</sup> GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

O método de coleta de dados escolhido foi o da pesquisa bibliográfica. Este método se baseia na pesquisa e análise de textos já analisados e publicados por outros autores<sup>13</sup>, sejam estes livros ou artigos científicos. Souza, Oliveira e Alves afirmam que a pesquisa bibliográfica tem como finalidade aprimorar e atualizar o conhecimento<sup>14</sup>.

## O HOMEM E A MÁQUINA

A grande virada de mesa no que tange à Educação da administração empresarial se deu pelas mudanças sociais derivadas das evoluções tecnológicas dos meios de produção e das relações surgidas nas novas maneiras de consumo, detectadas principalmente a partir de meados de século XX com o surgimento do que se chamou de Cultura de Massas, pela escola de Frankfurt.

Neste momento, para os setores econômicos, o que se buscava essencialmente não era o acúmulo direto de pedrarias e de poder bélico para impor a vontade empresarial de um país dominante e salvaguardar o que se chamava de reserva de mercado consumidor, mas iniciava o que se chamou de mercado da consciência, com as empresas cada vez mais buscando ganhar a afeição do comprador, e não mais evidenciando a necessidade deste mesmo comprador.

Houve uma drástica mudança na mentalidade do mercado, na compreensão do que é este mercado e também do que é um produto. Certamente que desde os primórdios das civilizações humanas tenha existido o gosto pelo supérfluo ou pelas fugas lisérgicas, mas o que se notou neste período é justamente a massificação do supérfluo e da lisérgia como, não mais um subproduto ou u produto de extravagância, mas como produto principal da produção econômica mundial:

A tese sociológica de que a perda de apoio na religião objetiva, a dissolução dos últimos resíduos pré-capitalistas, a diferenciação técnica e social e a extrema especialização, deram lugar a um caos cultural é cotidianamente desmentida pelos fatos. A civilização atual a tudo confere um ar de semelhança. Filmes, rádio e semanários constituem um sistema. Cada setor se harmoniza em si e todos entre si. As manifestações estéticas, mesmo a dos antagonistas políticos, celebram da mesma forma o elogio do ritmo do aço<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

<sup>14</sup> SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A Pesquisa Bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, [S.l.], v. 20, n. 43, p. 64-83. 2021.

<sup>15</sup> HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p 2. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/ADORNO.pdf?134956850>. Acesso em: 30 nov. 2022.

Neste sentido, o que as empresas e o que os próprios Estados nacionais passaram a buscar deixou de ser um mercado consumidor *latu sensu*, com o oferecimento de itens de consumo necessários quer fosse para uma atividade específica quer fosse para a satisfação de alguma vontade individual e passou a buscar por uma imposição cultural a níveis empresariais.

O aparato técnico da mão de obra já figurava como elemento definidor das capacidades de uma nação de organizar um parque industrial e tecnológico, e desde sempre o desenvolvimento e domínio das tecnologias figuraram como fator decisivo para o sucesso ou insucesso de uma nação em relação à outras, mas agora o que se passou a vislumbrar foi tais processos de tecnologiação dos meios de produção liderados por corporações privadas em muitos casos apoiadas pelos governos.

O ser humano e suas paixões passaram a figurar quase que exclusivamente como produto de interesse final da economia, tanto em seu plano micro quanto no macro, surgindo então a necessidade da educação como fator predominante de construção, tanto de uma comunidade capaz de gerir sua própria vida financeira (a nível individual) quanto de criar instrumentos capazes de conseguir ampliar as riquezas vindas de outros mercados, como podemos destacar em Garófalo e Carvalho:

O comportamento do consumidor individual é o objeto básico do estudo da teoria do consumidor (...).

Segundo a hipótese básica da teoria tradicional do consumidor, os indivíduos distribuem a totalidade de suas despesas de forma racional. Entende a teoria por forma racional o comportamento que visa obter o máximo de satisfação dentro das limitações de orçamento. Quando se comporta racionalmente, o consumidor calcula deliberadamente, escolhe conscientemente e maximiza a sua satisfação ou utilidade<sup>16</sup>.

Notemos que a grande questão primordial da economia de mercado não mudou em essência, ainda é baseado no conceito de balança comercial, onde um Estado, de forma bastante simplificada, será mais ou menos rico se mantiver o que consome externamente menor do que aquilo que vende para outros países.

Este é um princípio básico da economia de mercado, mas o que destacamos aqui é o consumo de itens culturais massificados, o que criou o que chamamos de indústria cultural e que podemos citar, como exemplo óbvio a indústria de entretenimento norte americano de Hollywood, e mais recentemente o fenômeno Sul Coreano do K-pop, e ainda o grande sucesso de empresas como Facebook, que de fato nada oferece enquanto produto

---

<sup>16</sup> GARÓFALO, G. L.; CARVALHO, L. C. P. Teoria Microeconômica. 2a. ed. São Paulo: Atlas, 1986. p. 34.

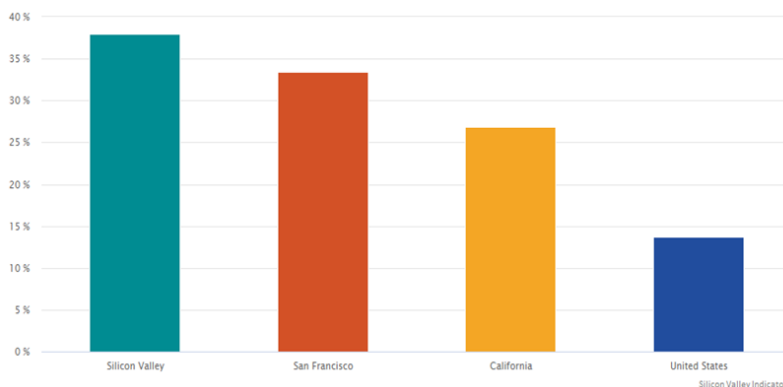
físico.

Todo este mercado faz com que a mesma balança comercial penda favoravelmente para o país produtor destes produtos, que são além de hiper valorizado, amplamente consumidos, retirando dinheiro de um país e o transferindo para outro, da mesma maneira, conceitual que se fazia na época das explorações coloniais.

Tal situação da produção atual, amplamente marcada pela necessidade de satisfação imaterial das individualidades, gera dois pontos nevrálgicos em todo o sistema, o primeiro trata justamente do que se chama de 'fuga de cérebros' que é o êxodo de pessoas qualificadas ou talentosas de um país para outro em virtude de não encontrarem em seus países de origem as condições necessárias para o desenvolvimento de suas capacidades.

Ao saírem de seus países e se instalando em outras nacionalidades, produzem riquezas que, em sua maior parte, permanecerá nos país acolhido, situação que podemos observar com absoluta clareza quando analisamos, por exemplo, o vale do silício dos Estados Unidos da América e a proporção de estrangeiros que para lá rumam dispostos a iniciar uma atividade, no mais das vezes intelectual:

Figura 1: PORCENTAGEM DA POPULAÇÃO QUE NASCEU EM PAÍSES ESTRANGEIROS / 2018<sup>17</sup>



Nota-se então, uma clara conexão entre educação e a produção de riquezas no cenário de economia globalizadas e massificada como a atual, profundamente marcada por tecnologias de convivência virtual e pelo marketing digital multinível.

Se, nos tempos de Adam Smith, uma nação para ser rica precisava garantir aos seus empresários um mercado consumidor estrangeiro, na

<sup>17</sup> BORRELLI, Isabela. **Vale do Silício**: tudo o que você precisa saber sobre o maior polo de inovação do mundo. tudo o que você precisa saber sobre o maior polo de inovação do mundo. 2018. Disponível em: <https://www.startse.com/artigos/vale-do-silicio/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

atualidade, cabe ao Estado a necessidade de criar internamente ambiente propício para manter as próprias capacidades intelectuais que produz e garantir que o ambiente interno possibilite o incremento da diversidade intelectual atraindo o que há de melhor, do ponto de vista intelectual humano de outros países. Em outras palavras, o cérebro humano e as capacidades intelectuais se tornaram os metais preciosos dessa nova fase do capitalismo de mercado.

## A FIGURA DO ESTADO

Discutir o papel e acima de tudo o alcance da atuação do Estado na economia sempre foi tema controverso, gerando teorias das mais diferentes matizes conceituais, que vão desde o Estado como sendo um mero observador, passando pelo Estado como Ente garantidor da propriedade privada e juiz em questões de Direito, avançando como Ente capaz e responsável pela mediação das relações de trabalho, competição e ética empresarial e chegando até o momento atual, em que figura, principalmente nos países mais desenvolvidos e avançados em relação ao novo capitalismo, como o Ente, por excelência, responsável por criar mecanismos sociais capazes de promover o crescimento e o aprimoramento das capacidades produtivas privadas, e como possível agente de defesa em relação ao próprio mercado interno<sup>18 19</sup>, assim como podemos verificar em Smith:

Por conseguinte, o primeiro dever do soberano, o de defender a sociedade contra a violência e a injustiça de outros países independentes, torna-se gradualmente cada vez mais dispendioso, à medida que o país vai se tornando mais civilizado. A força militar do país, que inicialmente não acarretava ao soberano nenhum gasto, nem no período de paz nem do de guerra, com o avanço da prosperidade deve ser mantida, primeiro pelo soberano, em tempo de guerra e, depois, mesmo em tempo de paz<sup>20</sup>.

Para muitos, ainda adeptos de teorias econômicas mais clássicas, a nova posição assumida pelo Estado vai de encontro as Leis do livre mercado e do famigerado conceito da “mão invisível do mercado” que deveria regular por si mesmo a atividade econômica, no entanto, a despeito disso, o que vemos na prática é atuação cada vez mais ativa de Estados como Estados Unidos da América e China na organização de seus parques econômicos e

---

<sup>18</sup> CARVALHEIRO, N. Fundamentos da Intervenção do Estado: Algumas Concepções em Keynes e Kalecki. **Revista de Economia Política**, São Paulo - SP, v. 7, n. 2, p. 105-122, 1987.

<sup>19</sup> CARVALHO, F. J. C. Mercado, Estado e teoria econômica: uma breve reflexão. **Revista Econômica**, Niterói – RJ, v.1, n.1, junho, 1999.

<sup>20</sup> SMITH, Adam. **A RIQUEZA DAS NAÇÕES**: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. 1 v. (OS ECONOMISTAS). Disponível em: <http://www.projetos.unijui.edu.br/economia/files/Adam-Smith-2.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022. p. 186.



agentes transformadores da realidade social com vistas a criar situações propícias para o surgimento de empresas privadas que possam ser competitivas no plano global, em especial quanto à tecnologia. Como vemos em Keynes, onde se começa a abrir a noção de mercado privado para a participação efetiva do Estado.

O Estado deverá exercer uma influência orientadora sobre a propensão a consumir, em parte através de seu sistema de tributação, em parte por meio da fixação da taxa de juros (...). Não é propriedade dos meios de produção que convém ao Estado assumir. Se o Estado for capaz de determinar o montante agregado dos recursos destinados a aumentar esses meios e a taxa básica de remuneração aos seus detentores, terá realizado o que lhe compete<sup>21</sup>.

Tal disposição de coisas, foi no caminho contrário do imaginado por muitos no início do século XX, quando se conjecturava o surgimento de grandes empresas que ficariam maiores que os próprios Estados e que criariam uma nova realidade feudal high tech.

Obviamente assistimos o surgimento de grandes conglomerados empresariais, que acabam por sufocar um determinado seguimento, como Facebook, Amazon e outras, mas a realidade quanto a função do Estado neste novo panorama está bem aquém daquilo outrora imaginado de forma tão apocalíptica, porque na verdade, o que se constata é uma verdadeira junção do poder do Estado a essas gigantes da informação e do controle de dados, e obtendo, como resultado direto, o fortalecimento da figura do Estado, e não a diluição de seu poder.

É a partir do fim da segunda grande guerra, com quase todas as grandes economias do globo em frangalhos, que o Estado passa a ser a figura de agente patrocinador das condições de surgimento de empresas privadas, não mais apenas como mantenedor de uma paz social mas também como agente de redução dos impactos sociais causados pela acumulação de riquezas e responsável pela redistribuição das riquezas angariadas pelos impostos através de serviços sociais como educação, saúde, infraestrutura e previdência<sup>22</sup>.

Essa atuação do Estado na Economia pode se dar de maneira direta, com a concessão de uso ou por meio de estatais e subsídios a determinado setor, como a praticada pelo Estado brasileiro no setor automotivo nas décadas de 1960 a 1980, ou aos incentivos dados pelo governo norte americano às empresas de tecnologia e inteligência artificial na atualidade.

---

<sup>21</sup> KEYNES, J. M. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Atlas, 1982. p. 287-288.

<sup>22</sup> NEVES, Joana. **História Geral: A construção de um mundo globalizado**. 1º Ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

## O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Como vimos, a necessidade de se construir mecanismos e situações propícias para o desenvolvimento de empresas, em especial nas áreas da tecnologia e da internet, figuram hoje como o fator mais estratégico para a riqueza das nações, e desta necessidade surge a nova figura do Estado.

Mais do que simplesmente oferecer uma educação de qualidade, cabe ao Estado então fornecer ou propiciar situações favoráveis, no plano econômico, para o surgimento e desenvolvimento das atividades vinculadas a produção de tecnologias. Não basta apenas ensinar os futuros gestores e trabalhadores a criar ou manusear os instrumentos tecnológicos, é necessário que estas atividades possam ser rentáveis para que, dentro da dinâmica do próprio capitalismo, sejam atraentes ao ponto de trazer para si as melhores mentes.

Ao contrário do que muitos, em especial no Brasil, possam considerar, a atuação do Estado como sendo este Ente patrocinador é fundamental para o posicionamento estratégico de qualquer país frente o novo cenário da conjuntura do capitalismo global.

A questão da escolaridade não é a mesma que a questão da educação, não do ponto de vista estratégico, nem de uma empresa e muito menos de uma nação. Não estamos aqui falando da mera aquisição de diplomas ou ao aumento da média escolar básica, e sim de um aprimoramento educacional que possa fazer jus ao acompanhamento das inovações contemporâneas, desde as inovações nos planos da inteligência artificial, robótica e de controle de dados como também das inovações nos planos sociais de convívio e de relacionamentos impostas por essas novas tecnologias.

A própria sociedade mudou de tal maneira que seria impossível pensar em aplicar, por exemplo, na educação empresarial ou no trabalho de administração de empresas, os mesmos conceitos, regras e definições propostas por Adam Smith numa leitura da sociedade realizada em uma realidade completamente diferente da que vemos nos dias atuais.

A educação nos modelos atuais de desenvolvimento é a principal razão da competitividade nas relações de trabalho, tanto para os universos internos das empresas quanto e talvez principalmente para as nações.

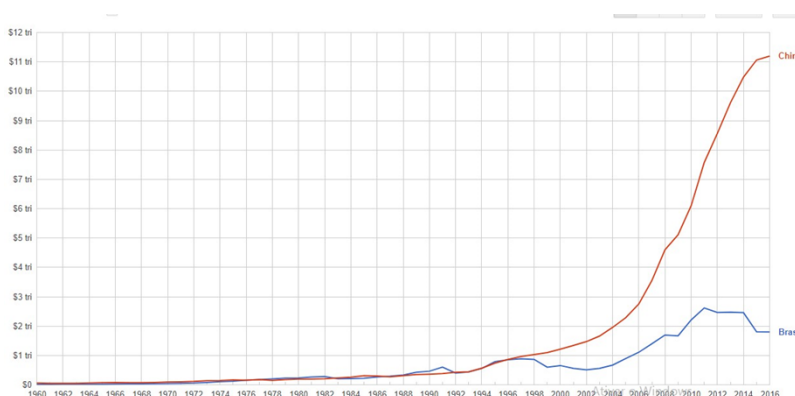
O problema que surge então dessa realidade, é que não há como pensar em construir uma economia competitiva sem pensar em produzir e atrair mentes pensantes.

Tal foi, por exemplo o caminho adotado pelas reformas adotadas pelo Partido Comunista Chines em seu projeto de conduzir a China a uma potência econômica, com a implantação imediata de universidades, mas também com a gradual criação de condições propícias para o retorno dos jovens que iam estudar fora de seu país, num projeto de décadas que visava o salto

geracional de forma que se pudesse criar uma geração de intelectuais<sup>23</sup>.

Estes investimentos, conduzidos em educação na China, podem ser facilmente correlacionados a expansão que o país demonstrou em relação ao aumento de seu PIB nos últimos quarenta anos, enquanto o Brasil, apesar de uma acentuada subida entre os anos de 2004 a 2012, não por coincidência época de maior investimento em programas como PRO-UNI, voltou a cair, nem de longe demonstrando a pujança dos investimentos chineses em educação superior, o que impacta diretamente no desenvolvimento de tecnologias e inovações em diversas áreas:

Figura 2: Comparativo entre a evolução do Produto Interno Bruto chinês e o brasileiro (1960-2016)<sup>24</sup>



Investimentos em Educação demoram para surtir o efeito desejado, especialmente na economia de uma nação, ocorre que, ao contrário de commodities, por exemplo, depois de ter sido implementado, dificilmente retrocederá, ou se ocorre, leva-se mais tempo para se exaurir, por isso o capital intelectual é mais importante nos dias atuais do que possuir uma grande reserva mineral ou em commodities. Conforme Antunes:

Segundo a visão dos economistas, o ser humano é considerado capital por possuir capacidade de gerar bens e serviços, por meio do emprego, de sua força de trabalho e do conhecimento, constituindo-se em importante fonte de acumulação de crescimento econômico<sup>25</sup>.

<sup>23</sup> HUANG, Shuai. **O estudo de mudanças da estrutura da educação superior chinesa**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Nordeste, Shenyang, 2010.

<sup>24</sup> ALMEIDA, Allison; GOBI, André. **CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NA CHINA: a nova jornada ao oeste**. 2018. Disponível em: <https://www.comciencia.br/ciencia-tecnologia-e-inovacao-nova-jornada-ao-oeste-chinesa/>. Acesso em: 13 dez. 2022.

<sup>25</sup> ANTUNES, Maria Thereza Pompa. **Capital Intelectual** São Paulo: Atlas, 2000. p. 82.

Via de regra então, temos na educação a pedra angular para o sucesso ou o insucesso de uma nação, ou de um projeto nacional, e cada vez mais, a Administração de Empresas, enquanto ciência, tem se desenvolvido e ampliado no sentido de aumentar a compreensão do ser humano e de seu lugar no sistema de produção e de geração de riquezas, acompanhando a tendência global de desenvolvimento do modelo capitalista de produção, de consumo e de mercado.

## **O Papel das Empresas Privadas**

É um tanto óbvio imaginar que são as empresas privadas as maiores beneficiárias de um sistema de educação de qualidade. Por mais que estejamos falando acerca da educação como meio de se planejar e se dirigir os negócios do Estado, essa dinâmica ocorre dentro do capitalismo, e como tal, com grande participação das empresas privadas.

Note-se que o que se pretende com a educação é justamente suprir o mercado privado de talentos que possam produzir e gerar as riquezas que irão compor o faturamento de um Estado.

É dessa maneira um ciclo que vai de cima para baixo e que depois se realimenta.

Alocamos todo este processo de desenvolvimento de capital intelectual por meio de uma educação robusta, inserida num projeto de desenvolvimento estatal, por dois motivos, primeiro que já vem sendo feito há algum tempo pelos grandes países do mundo, e segundo porque é um processo longo e que só é possível colher frutos no decurso de décadas, e por sua própria natureza empresarial, de obter lucro, se tornaria dispendioso e até, em muitos casos inaplicável para o setor privado investir na educação e na promoção de talentos.

O que uma empresa pode fazer e não é raro que faça, é promover redes de bolsas de estudo ou ainda criando centros educacionais voltados ao desenvolvimento de seus próprios profissionais, mas mesmo nesse tipo de atuação, mais reduzida se comparada a atuação de um Estado, é necessário o compromisso de um pensamento estratégico de longo prazo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Se por um lado, as novas dinâmicas da Economia Capitalista Global exigem maior participação do Estado, fazendo inclusive confundir muitas vezes o papel do Estado e o papel das grandes indústrias de tecnologia, a Educação figura como elemento definidor para o sucesso ou o insucesso de um projeto de desenvolvimento e crescimento.

Claro que as indústrias, desde sempre precisaram de mão de obra especializada e o fornecimento de uma educação formal e compulsória tem sido o fator diferencial para o desenvolvimento de um parque competitivo de qualquer nação, entretanto, com o advento das novas tecnologias e principalmente das novas dinâmicas de consumo e de relações humanas, o

que se busca não é mais o aprendizado didático ou técnico, e sim o desenvolvimento de competências mais elevadas.

Daí a necessidade premente da valorização cada vez mais constante da pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico para elevar a taxa de riqueza de uma nação ou mesmo empresa no difícil cenário competitivo estabelecido por uma economia globalizada e cada vez mais dominada pela big data.

A riqueza de uma nação, desde há muito não pode ser definida apenas pelo seu produto interno bruto, e também não mais pela divisão dos recursos naturais ou acesso a bens e serviços pelo grosso da população.

Nos dias atuais, a riqueza de uma nação é dada antes de qualquer coisa por sua capacidade de criar cérebros desenvolvidos e capazes de lidar com as rápidas mudanças tecno científicas e a habilidade de não perder estes mesmos cérebros para países que ofereçam melhores condições de abrigar e de remunerar a estes cérebros.

A geração de riquezas, em um mundo onde tudo está a mudar de minuto a minuto, se vincula diretamente à capacidade de uma sociedade em produzir capital intelectual e acima disso de não o perder, porque a economia diluída em indivíduos, ou a cada dia mais diversificada, prioriza o capital intangível, aquele que não pode se perder ou que não esteja atrelado as inconsistências de especulações, por exemplo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Allison; GOBI, André. **CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NA CHINA:** a nova jornada ao oeste. 2018. Disponível em: <https://www.comciencia.br/ciencia-tecnologia-e-inovacao-nova-jornada-ao-oeste-chinesa/>. Acesso em: 13 dez. 2022.

ANTUNES, Maria Thereza Pompa. **Capital Intelectual** São Paulo: Atlas, 2000.

BORRELLI, Isabela. **Vale do Silício:** tudo o que você precisa saber sobre o maior polo de inovação do mundo. tudo o que você precisa saber sobre o maior polo de inovação do mundo. 2018. Disponível em: <https://www.startse.com/artigos/vale-do-silicio/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

CARVALHEIRO, N. Fundamentos da Intervenção do Estado: Algumas Concepções em Keynes e Kalecki. **Revista de Economia Política**, São Paulo - SP, v. 7, n. 2, p. 105-122, 1987.

CARVALHO, F. J. C. Mercado, Estado e teoria econômica: uma breve reflexão. **Revista Econômica**, Niterói – RJ, v.1, n.1, junho, 1999.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC,

2002. Apostila.

GARÓFALO, G. L.; CARVALHO, L. C. P. **Teoria Microeconômica**. 2a. ed. São Paulo: Atlas, 1986. p. 34.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. PESQUISA QUALITATIVA: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas: RAE**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995. p. 23.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p 2. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/ADORNO.pdf?134956850>. Acesso em: 30 nov. 2022.

HUANG, Shuai. **O estudo de mudanças da estrutura da educação superior chinesa**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Nordeste, Shenyang, 2010.

KEYNES, J. M. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Atlas, 1982.

NEVES, Joana. **História Geral: A construção de um mundo globalizado**. 1º Ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. São Paulo: Loyola, 2002.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. O homem e as máquinas. In: DOMINGUES, Diana (comp.). **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 33-44.

SMITH, Adam. **A RIQUEZA DAS NAÇÕES**: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. 1 v. (OS ECONOMISTAS). Disponível em: <http://www.projetos.unijui.edu.br/economia/files/Adam-Smith-2.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A Pesquisa Bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, [S.l.], v. 20, n. 43, p. 64-83. 2021.

SOUZA, José Pedro G.; GARCIA, Clovis L.; CARVALHO, José F. T. **Dicionário de Política**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.